

UM CIVIL NO COMANDO

Aspirante Esley Rodrigues de Jesus

INTRODUÇÃO

Passava-se, então, o dia 10 de maio de 1940. Era cerca de uma hora da manhã quando, do trem de campanha de **Adolf Hitler** (codinome *Amerika*), a Alemanha dava seus primeiros passos na longa caminhada perpetrada pelo expansionismo germânico no ocidente, culminando com a guerra contra as potências ocidentais. Até então, o chanceler alemão havia conseguido, sem desperdiçar um único projétil de seus tanques, anexar territórios consideráveis no centro da Europa, como Áustria, Tchecoslováquia e a Polônia (encontrando, nesta última, certa resistência da cavalaria polonesa). Anos mais tarde, um sábio estadista inglês escreveria em um de seus best-sellers: “Se Hitler houvesse perdido o poder em 1940, seria o maior político da história”. Ao mesmo tempo em que suas anexações aumentavam o território do *Deutschesreich* na Europa central, o ministro das relações exteriores alemão, Joachim von Ribbentrop, firmava o **Pacto de Não-Agressão Germano-Soviético Molotov-Ribbentrop**, delimitando as esferas de influência a que Alemanha e União Soviética teriam direito. Desta forma, o líder do partido nazi manteria a Rússia fora do caminho, enquanto resolvia suas “questões fronteiriças” com a França e a Inglaterra.

Na Inglaterra, um apreensivo primeiro-ministro recém-empossado aguardava atentamente o desfecho da guerra no continente. Churchill assumiu no mesmo 10 de maio em que Hitler começou seu ataque sobre a Bélgica. Não que estivesse perplexo. **Winston Spencer Churchill** suspeitava que os nazistas poderiam tentar um desembarque em praias britânicas. Foi com essa intenção que mandou o serviço secreto britânico estudar a possibilidade de encharcar as praias mais próximas do continente com gás-mostarda. Um primeiro-ministro que havia lutado como tenente do 4º Regimento de Hussardos na Índia, sido repórter e correspondente de guerra na África do Sul (ocasião em que foi, inclusive, feito prisioneiro de guerra), servido à pátria durante a primeira guerra mundial como Primeiro Lorde do Almirantado – ministro da Marinha – e como capitão do exército em solo francês,



WSC, primeiro ministro da Inglaterra

agora, após vivenciar vários esquadrões de caça serem bombardeados pela artilharia alemã, iria enfrentar as maiores batalhas de sua vida, em prol da soberania dos povos em seus territórios e da liberdade geral da Europa.

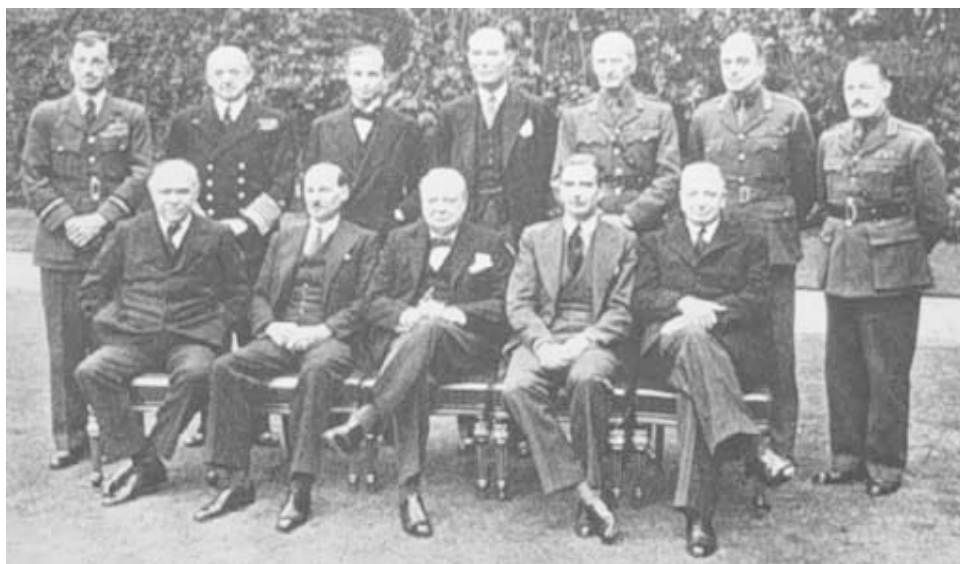
“O IMPERADOR PODE ESTAR CERCADO DE INIMIGOS PELA EUROPA, MAS, EM CASA, ESTÁ NO SEIO DE SUA AMÁVEL FAMÍLIA”.

Esta frase concentra muito bem o espírito que reinava no *staff* de Churchill, tanto no Parlamento como no Conselho de Guerra. A maior parte das pessoas que partilhavam seu dia-a-dia com WSC não lhe tinham muita simpatia, tampouco lhe dedicavam otimismo na empreitada que se lhe apresentava. Muitos membros da Câmara dos Comuns guardavam certo rancor pelo atual primeiro-ministro. Dizia-se

que era “pretensioso”, que apenas servia a sua própria auto-estima, ou ao seu “ego de escritor”. Na verdade, alguns estavam descontentes com o que ocorria pelo simples motivo de ter sido Churchill um dos únicos que ia contra a política do apaziguamento; ou que pregava ser perigoso o alto índice de re-armamento germânico; ou que a política hitlerista, somada ao fascismo italiano, poderia causar uma nova guerra por motivos expansionistas, muito mais perigosa para o continente, já balançado em sua

constante de poder pela emergência da União Soviética de Stalin. Além disso, a súbita saída de Neville Chamberlain do cargo, homem que tinha grande apoio no parlamento, foi um grande baque para todos os políticos que, apesar deste fato, já percebiam que os acontecimentos no continente levariam a uma mudança na estrutura básica do Parlamento, estrutura que representava os desejos de muitos políticos que, inclusive, faziam parte do **Comitê de Guerra**, ou, mesmo sem participar ativamente, eram importantes peças em uma política de esforço de guerra.

Alexander Cadogan, principal conselheiro do secretário de Relações Exteriores, escreveu em seu diário, a 9 de maio, que não conseguia imaginar ninguém mais habilitado ao cargo de primeiro-ministro que Chamberlain, e em 11 de maio: “Receio que Winston crie uma espécie de ‘Cidade-Jardim’ no nº10, com as pessoas mais horríveis”. R. A. Butler, subsecretário de Estado do mesmo Ministério disse, em novembro de 1939, que Churchill era “vulgar”; agora, pregava que “ele naquele cargo é uma calamidade... Eles renderam-se sem resistência a um americano mestiço, cujo principal apoio era o de pessoas ineficientes mas tagarelas, de tipo parecido”. Mesmo no Almirantado a estima de Churchill não o defendeu de desaprovações. Capitão Edwards,



Comitê de Defesa

*Primeira Fila: Lord Beaverbrook, Mr. Atlee, WSC, Mr Eden e Mr. A. V. Alexander
Segunda Fila: Air Chief Marshall Sir Charles Portal, Admiral Sir Dudley Pound,
The Liberal Party Leader Sir A. Sinclayr, Capitain Margesson, General Dill,
General Ismay e Colonel Hollis*

subdiretor de operações da Frota Nacional, escreveu: “Winston é o primeiro-ministro... Não confio no homem e acho que é uma tragédia”. Esse pensamento derrotista foi, em parte, ratificado pelas notícias da guerra no continente.

Apenas 5 dias após ser nomeado, no dia 15 de maio, pouco depois das sete horas da manhã, o telefone da cabeceira de Churchill tocou. O primeiro-ministro francês mandava ao britânico a seguinte mensagem: “Fomos derrotados... Fomos vencidos... Perdemos a Batalha”. Neste momento, WSC voou imediatamente para Paris, tentando alcançar uma solução plausível para aquele momento desfavorável à luta contra o Eixo. Mas, ao chegar na Quai d’Orsay – prédio do Ministério das Relações Exteriores da França, Churchill deparou-se com uma grande nuvem de fumaça, contrastando com o lindo céu azul do dia em questão, o que significava que o governo francês se preparava para deixar a capital. Perguntando ao comandante-em-chefe francês onde estava o exército, ou, pelo menos, a tropa de reserva, Maurice Gamelin disse: “Não há nada”. O **general Pétain** já havia formalizado um armistício para entregar aos invasores, traíndo os desejos de Churchill, que havia despendido já vários esquadrões de caça na defesa do território francês. Frente a essa derrota e com o pedido



A retirada de Dunquerque – 24 de maio a 4 de junho de 1940

de mais caças britânicos a fim de ajudarem contra os alemães, após lembrar-se da carta do marechal-do-ar Hugh Dowding (missiva que explicava a ineficácia de um ataque maciço de caças em uma guerra motorizada, além de apontar ser imprescindível para a própria defesa britânica manter os caças a postos e prontos), Churchill voltou à Inglaterra com a má notícia, reunindo-se com seu gabinete de guerra.

DUNQUERQUE E O MORAL DO POVO INGLÊS

Além da perda de um grande aliado no continente, WSC teve de se preocupar com outra questão, esta muito mais importante para manter o moral britânico que a própria questão da invasão francesa por tropas alemãs. O fato de haver soldados britânicos em solo alemão deixava preocupado não só o primeiro-ministro, mas toda a nação, cujos filhos se aventuravam em uma batalha que já demonstrava uma derrota iminente. Tornava-se necessária a evacuação deste efetivo, impedindo que o moral inglês

desabasse e a opinião quanto à guerra não adquirisse mais opositores.

Assim que as tropas de Hitler atingiram o Canal da Mancha, ele ficou atônito. Em menos de duas semanas, um ex-cabo havia conseguido aumentar as fronteiras do Reich muito mais que um *Kaiser* em quatro anos de guerras. O general Alfred Jodel escreveu que o Führer estava “fora de si”. Com a dispersão do exército francês e os britânicos encurralados entre os alemães e o mar, o único caminho era tentar voltar pelo Canal para casa, o que estaria totalmente fora de cogitação, dada a rapidez dos exércitos de Hitler. A 22 de maio começaram as preparações para a evacuação, com o codinome **Operação Dynamo**, comandada a partir de Dover, pelo vice-almirante Bertram Ramsay. A intenção inicial era de evacuar até cerca de 45.000 homens da Força Expedicionária Britânica em dois dias, mas em breve o objetivo foi alterado para resgatar 120.000 homens em cinco dias.

Mas, por um golpe da Providência, algo mudou de panorama. Em 24 de maio, sexta-feira, dezoito minutos antes do meio-dia, Hitler ordenou ao general Rundstedt que detivesse o avanço da vanguarda em direção a Dunquerque, cerca de 25 km de distância do inimigo. No dia 28, além das embarcações a ajudar na operação, foram chamados mais dez contratorpedeiros que tentaram naquela manhã uma nova operação de resgate. Vários militares acabaram por serem resgatados, embora os contratorpedeiros não se pudessem aproximar o necessário. Outras operações de resgate no resto do dia tiveram mais sucesso, tendo resgatado mais 16.000 homens, mas as operações aéreas alemãs aumentaram e várias embarcações foram afundadas ou bastante danificadas, incluindo nove contratorpedeiros. Durante a **Operação Dynamo**, a Royal Air Force perdeu 177 aviões e a Luffwaffe 132, sobre Dunquerque. A 29 de maio, a divisão *panzer* alemã que se aproximava parou em Dunquerque, deixando assim o resto da batalha para a infantaria e força aérea. Na tarde do dia 30, um outro grande grupo de embarcações menores conseguiu resgatar 30.000 homens. No dia 31, as forças aliadas estavam comprimidas num espaço de 5 quilômetros de De Panne, Bray-Dunes a Dunquerque. Nesse dia mais de 68.000 soldados foram evacuados e outros 10.000 durante a noite. A primeiro de junho, mais 65.000 foram resgatados e as operações continuaram até 4 de junho. As perdas mais significantes da Royal Navy na operação foram seis navios de guerra: *Grenade*, *Grafton*, *Wakeful*, *Basilisk*, *Havant*, e *Keith*. Apesar da relativa vitória que simbolizou Dunquerque, a liberação de cerca de 340.000 soldados franceses e britânicos não deve ser vista como uma vitória. Após esse incidente, Churchill falou, corretamente, que não devemos nunca pensar em vencer uma guerra recuando. Na verdade, Hitler deu esta chance de “fuga” aos ingleses pensando em mostrar sua benevolência para com eles, dando-lhes uma chance de fazer uma *vernünftigen Friedensschluss* – paz razoável, forçando-os a aceitar, em prol do povo e das relações políticas no exterior (principalmente com os EUA), “tratados de paz” que acabariam com sua soberania e a paz reinante na Europa e, conseqüentemente, no mundo. Era preciso que uma coisa espetacular ocorresse, que algo viesse em defesa da então exaurida nação bretã.

OS ESTADOS UNIDOS ENTRAM NO JOGO

Churchill e Roosevelt possuíam muitas coisas em comum. Na primeira guerra mundial, haviam servido

às suas respectivas pátrias como homens-do-mar (o primeiro como Secretário, o segundo como Ministro da Marinha); descendiam de uma geração de nobres e, mais importante, desde pequenos, sentiam grande atração pela carreira política. Adoravam vícios dispendiosos como whiskeys, champanhes, conhaques, festas, coquetéis e jantares caros e suntuosos; além de ambos fumarem (WSC e seus Coronas, FDR e seus Cammels). Também possuíam outra coisa em comum: o ódio que tinham por Hitler e suas idéias de uma Europa germanizada e um mundo sem uma balança de poder favorável aos desígnios dos anglo-americanos. Não é de se admirar que tenham se empenhado tanto para um esforço conjunto, acabando com as discórdias entre seus generais e chegando a acordos comuns em seus próprios pontos de vista de um mundo pós-guerra, principalmente quando avaliavam a conseqüência de uma ajuda militar à União Soviética.

Em 9 de agosto de 1941, deu-se a primeira reunião entre Roosevelt e Churchill. A bordo do encouraçado *Prince of Wales* na baía de Argentia, a **Reunião Riviera** deu-se em uma manhã de domingo. Nela foi elaborado um comunicado conjunto, realizado por ambas as equipes, conhecido como **Carta do Atlântico**, que estabelecia sete pontos principais: não buscavam expansão territorial; não desejariam ver nenhuma mudança territorial que não estivesse de acordo com os desejos das pessoas diretamente envolvidas; respeitariam o direito do povo de escolher o modo de governo a que estaria subordinado; levariam a efeito a mais completa colaboração econômica entre todas as nações; se empenhariam, após a destruição da “tirania nazista”, em criar um mundo livre de “medo e escassez”; garantiriam a liberdade de altos-mares e oceanos; e criariam um “sistema mais amplo e permanente de segurança geral” por intermédio do desarmamento geral. Com relação ao oitavo ponto (a saber, o livre-comércio), discordaram fortemente. Outra medida importante realizada por essa reunião foi a **Lei de Empréstimo e Arrendamento**, que daria poder ao presidente de emprestar ou arrendar munições de fabricação americana a qualquer nação que, ao utilizá-las, estivesse contribuindo para a defesa dos EUA. Entretanto, não havia nenhuma promessa de ajuda militar efetiva, como remessa de tropas para a Europa ou, pelo menos, para o norte da África, uma vez que os alemães já haviam conquistado aquela região, dando completa liberdade de ação e hegemonia marítima para o Eixo no mar Mediterrâneo. Churchill levantou âncora em 12 de agosto, levando consigo a

convicção de que havia conseguido um grande aliado, mas que deveria acontecer algo espetacular para que a situação atual da guerra mudasse consideravelmente.

O que efetivamente veio a ocorrer. No domingo de 7 de dezembro de 1941, às 13h40m, o secretário de Marinha, Frank Knox, telefonou ao presidente Roosevelt, informando-o de um ataque em andamento sobre bases navais no Pacífico. Mais tarde, às 14h28m, o almirante Harold R. Starck, Chefe de Operações Navais, confirmou que a frota estava sob ataque e que havia perdas humanas. Um dia depois, Hitler estava esfuziante. Seu objetivo final de causar uma guerra global estava a sua frente. Com os Estados Unidos entrando na guerra contra o Japão, arrastando com eles o Império Britânico, o Reich declara guerra aos EUA, graças aos pactos do Eixo, assim como a Itália e países “vassalos”, enquanto a questão da Rússia, atacada pelos dois lados, chegava ao fim com uma investida contra Moscou (pelo menos, assim ele pensava). Em 11 do mesmo mês, Hitler, em um discurso ao Reichstag, ridicularizou a Carta do Atlântico, chamando Roosevelt de “ferramenta judia” e “velho maçom”, enquanto era

adulado por todos com o hino do partido nazista “Horst Wessel Lied”. Os norte-americanos, por sua vez, honrando o compromisso com os ingleses, entraram no conflito tendo em mente a Europa primeiro.

No dia 22 de dezembro, o encouraçado *Duke of York* desembarcou Churchill e sua comitiva em Hamptons Road

Gate. Um avião Lockheed Lodestar levou o primeiro-ministro, Wilson, Portal, Harriman e Beaverbrook para a Estação Aeronaval de Anacostia Flats, onde, finalmente, reencontraram o presidente, desta vez, mais bem preparado para uma ofensiva direta contra os países do Eixo. Em 23 de dezembro, dava-se início à *Conferência Arcádia*. No dia 6 de janeiro de 1942, ao meio-dia, **Franklin Delano Roosevelt** levou ao Congresso uma proposta de produção de guerra em que expôs o seu pensamento de economia de esforço de guerra. Na época, apenas 15% do orçamento era dedicado à defesa nacional. O presidente instruiu a população a “evitar artigos de luxo e outros supérfluos”, passando a discursar sobre “metas de produção estonteantes – que ele tinha elaborado sem consultar ninguém”: produção de 60 mil aviões naquele ano e aumento para 125 mil em 1943; produção de tanques de 45 mil em 1942 para

75 mil em 1943; baterias antiaéreas de 20 mil naquele ano para 35 mil no ano seguinte; a produção naval pularia de 1,1 milhão de toneladas de peso morto em 1941 para 10 milhões em 1943. “Os números darão aos japoneses e nazistas uma pequena idéia do que eles conseguiram fazer com Pearl Harbor”.

Foi nessa mesma conferência que se firmaram as bases históricas da ONU. A “**Declaração das Nações Unidas**”, assinada em conjunto por EUA, URSS e Grã-Bretanha, dizia em seu texto, que continha mais ou menos 200 palavras:

“Os governantes signatários, tendo aderido a um sistema comum de propósitos e princípios (...) conhecido por *Carta do Atlântico*, convictos de que a completa vitória sobre seus inimigos é essencial para defender a vida, a liberdade, a independência e a liberdade religiosa, e para preservar a justiça e os direitos humanos nos seus respectivos países e em outros, e que se acham atualmente empenhados em uma luta comum contra forças selvagens e brutais que procuram subjugar o mundo, DECLARAM: (1) Que cada governo se compromete a empregar todos os seus recursos [para a guerra] (2) Que cada governo se compromete a cooperar com os governos signatários da presente, e a não firmar, em separado, armistício ou tratado de paz com o inimigo”.

A guerra mundial dava seus primeiros passos para uma mudança radical em seu desenrolar. Agora, efetivamente, a batalha pela expansão do Reich e do território japonês no continente asiático e supremacia marítima japonesa no Pacífico havia se transformado em um conflito global em que Japão, Itália e Alemanha, em conjunto, lutavam contra os países aliados. Em 14 de janeiro, deu-se o fim da conferência, sendo acertados os últimos detalhes dos acordos relativos ao transporte marítimo, às matérias-primas e às diretorias de alocações. Não havia uma concordância geral quanto o comando único do teatro de operações, apesar de ser cogitado que assim as batalhas travadas seriam muito melhor supervisionadas e apoiadas logisticamente, com uma divisão de esforços e estados-maiores em Washington e Londres. Entretanto, as negociações principais já haviam sido tomadas, e o primordial, a entrada dos Estados Unidos de forma efetiva na guerra, já era uma realidade.

Churchill tinha a certeza de que não estaria só naquela batalha. A providência havia transformado uma derrota em Pearl Harbor em uma vitória diplomática em que os três países, apesar de suas diferenças ideológicas e rixas históricas iriam lutar para a libertação da Europa e a liberdade do mundo.



Franklin Delano
Roosevelt

“WE SHALL GO ON TO THE END”

O canto de vitória do Führer foi aplacado pelo grito de liberdade e justiça de Churchill. Não cabe a nós tentar romantizar os acontecimentos anteriores aos conflitos culminantes, dotando o primeiro-ministro inglês e o presidente norte-americano de uma aura quixotesca. O fato principal é que, durante aqueles meses entre o 10 de maio de 1940 e o 14 de janeiro de 1942, houve uma grande mudança no pensamento global, quanto à ideologia do nazismo em si (e, desta forma, a mudança de pensamento do próprio Comitê de Guerra Britânico), considerando seu expansionismo na Europa e a falta de êxito com a política do apaziguamento; a necessidade de se ver os comunistas como aliados em uma guerra comum e uma maior integração entre os exércitos britânicos e estadunidenses. Nas vias em que a guerra se encontrava, Hitler saiu na frente, com uma vantagem gigantesca, tanto pelo lado estratégico-militar, como pelo lado ideológico de aceitação das massas germânicas e da cega e doentia disciplina de seus generais. A liderança e o exemplo dados por Churchill em nada se assemelham àqueles do chanceler alemão. Churchill conseguiu mudar o panorama que se lhe apresentava, transformando o inicial repúdio em uma total, porém

racional, obediência e cooperação. Fosse na operação Dynamo, ou durante as conferências nos Estados Unidos, o primeiro-ministro mostrava que era necessário mais que uma derrota para acabar com o moral de um povo que tinha por norte a justiça, a temperança e a honradez, contra um regime monstruoso e brutal.

Depois de passar por uma guerra que marcou a história da humanidade para sempre, o mundo se curvaria perante uma guerra fria de desinformações, dúvidas, terror e prenúncios constantes de guerras nucleares. Entretanto, o temor de conflitos iminentes jamais apagou da memória do mundo que, naqueles anos de guerra, Churchill passou por sua “finest hour”, marcando os livros de história com a determinação da honra, da democracia e da justiça .

REFERÊNCIAS:

Um Natal em Washington - O encontro secreto de Roosevelt e Churchill que mudou o mundo - David Bercusson e Holger Herwig, Editora Ediouro

O Duelo: Churchill X Hitler - 80 dias cruciais para a Segunda Guerra Mundial, John Lukacs - Jorge Zahar Editor

História da Guerra Fria, John Lewis Gaddis - Editora Nova Fronteira

